

FLASH REPORT

Set.26

El Niño

O impacto climático nos negócios e nas operações

O aumento de eventos climáticos extremos deixou de ser uma pauta exclusivamente ambiental para se consolidar como um importante vetor de risco operacional e financeiro destas últimas décadas. Para corporações, infraestruturas críticas e governos locais, o desafio imediato vai além da previsão do clima e atinge a necessidade de garantir que haja protocolos práticos e atualizados prontos antes que a crise se instaure.

O contexto

Os números recentes transformam a probabilidade em fato consumado. Um estudo conduzido pelo Climate Impact Lab das Universidades de Chicago e Berkeley, nos Estados Unidos, alerta que as ondas de calor extremo que estão sendo agravadas pelo El Niño podem gerar cerca de 451 mil mortes globais entre o final de 2026 e o início de 2027, com o Brasil em quinto país mais afetado, com mais de 13 mil mortes projetadas.

Paralelamente, o cruzamento de dados do Instituto Cidades Sustentáveis e do IBGE revela uma fragilidade sistêmica: mais de 90% dos municípios brasileiros não estão preparados para gerenciar desastres climáticos. Este cenário vulnerável gera um efeito indireto sobre a iniciativa privada e os serviços essenciais, paralisando rodovias, interrompendo o fornecimento de energia e quebrando cadeias globais de suprimentos que dependem do Brasil.

O impacto financeiro e operacional dessa fragilidade estrutural é muito maior do que parece. Quando chuvas severas ou secas prologadas atingem estruturas críticas ou produção de insumos de larga escala (como o Agronegócio Brasileiro), os gargalos logísticos e de cadeia de suprimentos do país passam ser paralisações completas.

Se a fricção burocrática e a infraestrutura deficiente já drenam o capital das corporações em tempos de normalidade, em período de evento climático que gere calamidade, emergência ou crise, o fluxo de caixa é violentamente asfixiado, expondo o capital a passivos ocultos, quebras de contrato e embargos operacionais imprevisíveis.

O que muda na prática?

Na prática, o mercado e a sociedade não toleram mais a improvisação durante o caos. O impacto destas interrupções vai além do dano físico ao patrimônio e atinge com força bruta os investimentos, o fluxo de caixa, a integridade da força de trabalho e a reputação da marca ou de uma instituição.

Quando um desastre, por exemplo, atinge uma cidade sem preparo, as operações que dependem daquela região enfrentam bloqueios, quebras de contrato por forças maiores e perdas milionárias por lucros cessantes. Isso sem contar nos possíveis danos e perdas irreparáveis de pessoas em situações como enchentes, deslizamentos, altas temperaturas, desidratação e queimadas.

Neste cenário, a mitigação deixou de ser reativa para se tornar uma resposta executiva Top-Down, exigindo mapeamento prévio de vulnerabilidades e clareza absoluta sobre quem faz o quê no momento do choque.

Para empresas e executivos sediados fora da região da América Latina, a mudança de paradigma também precisa estar em evidência. Historicamente, matrizes estrangeiras isolavam os seus riscos regionais, assumindo que as falhas operacionais em subsidiárias no Brasil ficariam contidas no balanço local.

A realidade do contágio reputacional e de ecossistema prova exatamente o contrário: quando um desastre natural paralisa um hub logístico, um porto ou uma concessão de infraestrutura operada por capital europeu ou asiático no Brasil, o choque é transmitido em tempo real para a matriz. O risco deixou de ser puramente físico e local para se tornar estrutural e global.

Em resumo, o colapso de qualquer instalação latino-americana por conta do El Niño atinge as linhas de suprimento global e aciona a atenção de investidores, destruindo valor da marca em mesas de negociações do outro lado do planeta.

Questões-chave para organizações

Neste cenário de imprevisibilidade, as lideranças devem confrontar de forma verdadeira a sua realidade operacional com as seguintes reflexões:

- O seu plano de continuidade de negócios depende inteiramente da infraestrutura pública local, como energia elétrica, vias de circulação e segurança pública para sobreviver a um desastre de 72 horas?

- Caso ocorra a paralisação de um hub logístico crítico ou da sede administrativa, a sua operação possui um protocolo de resposta claro ou dependerá da instituição da equipe de campo no calor da crise?
- A sua matriz de risco contabilizou o impacto do colapso de fornecedores atingidos por eventos climáticos extremos nas regiões mais vulneráveis?
- A sua organização está robusta o suficiente para evitar que uma paralisação climática regional se transforme em uma crise global de reputação para a sua matriz estrangeira?

Ações imediatas recomendadas

Para executivos que operam empresas, órgãos públicos ou infraestruturas de alta complexidade, recomendamos três ações estruturais imediatas:

1. **Elaborar a Auditoria da Matriz de Riscos:** executar um diagnóstico realista das ameaças específicas à sua região ou infraestrutura, calculando os impactos diretos na continuidade do seu serviço.
2. **Redesenhar dos protocolos de ação:** mapear todos os recursos internos e de redundância, definindo o tempo de prontidão e criando o passo a passo exato a ser executado diante de um evento extremo.
3. **Realizar treinamentos e simulados:** preparar tecnicamente os envolvidos nas equipes de respostas por meio de simulações de estresse que alinhem perfeitamente os pilares de pessoas qualificadas, processos robustos e tecnologia integrada.

A continuidade institucional e corporativa não pode depender de reações emocionais ou de soluções de prateleira no momento do desastre. A sobrevivência em ambientes de alta volatilidade querer condução técnica e preventiva.

Buscar parceiros profissionais e estratégicos capazes de desenhar e implementar Planos de Contingência definitivos é o passo assertivo para proteger vidas, ativos e a reputação, garantindo estabilidade sob qualquer cenário adverso.

Conclusão

A escalada dos desastres climáticos prova, mais uma vez, que o colapso de uma operação privada ou institucional pode ser mitigado com governança e antecipação. Num ambiente estável, a estratégia corporativa funciona como um mapa direcional. No entanto, no epicentro de uma crise, ela precisa atuar como um mecanismo imediato de sobrevivência.

Esperar que a crise se instale para, só então, desenhar um plano de ação é a decisão mais cara e arriscada que uma liderança pode tomar. A verdadeira resiliência exige uma visão abrangente dos cenários, das probabilidades, dos impactos e dos riscos enfrentados.

Entre em contato com a H7 Advisors para mapear suas vulnerabilidades e assegurar que o seu crescimento continue a ser construído sobre fundações sólidas, garantindo a continuidade das operações em qualquer condição.

SOBRE A H7 ADVISORS

H7 Advisors é uma parceira que atua para otimizar as decisões, os resultados e a segurança de operações de alta complexidade em âmbito global.

Entregamos assessoramento estratégico, inteligência analítica e visão sistêmica para garantir eficácia e resiliência em ambientes complexos e adversos.



Navigating Complexity.
Safeguarding Assets.

www.h7advisors.com